



Os Imperadores Severos e a Aproximação com as Imagens dos Antonino

Severan Emperors and the Approximation with Antoninans' Image

Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG)

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar a aproximação dos Imperadores Severos com as imagens utilizadas pelos governantes Antoninos, tomando como base de análise as informações trazidas pelas obras de Herodiano, Dion Cássio, Sexto Aurélio Victor, Flávio Eutrópio e pela História Augusta e a *Epitome de Caesaribus*, além de epígrafes e moedas.

Abstract: The objective of this article is to analyse the approximation of the Severan Emperors with the images utilized for the Antoninan rulers, using the informations of the Herodian, Cassius Dio, Sextus Aurelius Victor, Flavius Eutropius' books, the Historia Augusta, *Epitome de Caesaribus*, inscriptions and coins.

Palavras-chave: Período Severiano; Imperador; Roma.

Keywords: Severan Age; Emperor; Roma.

Apesar de todas as mudanças implementadas por Septímio Severo, ao longo de seu governo, como a criação de novas províncias, o aumento do soldo do exército, a reforma da Guarda Pretoriana, a reestruturação do sistema da Annona, entre outras, ele optou por divulgar uma imagem tradicional de si próprio, buscando legitimar-se com a utilização do título de Vingador de Pertinax, e também como sucessor direto dos Antoninos. Ele preferiu adotar uma imagem de continuidade para adquirir força política e poder fazer modificações no Império.

Num artigo clássico, intitulado *La Lotta di Settimio Severo per la Conquista del Potere*, Eugenio Manni defende que a principal arma usada por Severo para conseguir se legitimar no poder foi se declarar o continuador dos Antoninos (Manni, 1947:241). Após vencer Clódio Albino, Septímio estava pronto para começar um governo sem guerras civis e com vitórias sobre os Partos, nas quais estava metido desde sua aclamação como Imperador em 193 d.C. Desta forma, em 196/197 d.C., ele se dedicou a criar bases sólidas e legítimas para seu governo. Assim, mudou o nome de seu filho mais velho para Marco Aurélio Antonino em 196 d.C. e, no ano seguinte, proclamou-se filho de Marco Aurélio e *frater Commodi*, decretando que sua *damnatio memoriae* deveria ser interrompida e substituída por uma apoteose, convencendo o Senado, após suas gloriosas vitórias internas e externas, a promover a *consecratio* de Cômodo. No mesmo ano, Caracala recebeu o título de *Imperator Destinatus*, em troca do apoio que dera ao pai ao longo das batalhas travadas no Oriente. Jean Fitz demonstrou como este título foi dado a Caracala em 197 d.C., após as grandes vitórias contra Albino e seus aliados, e como ele apareceu e nas inscrições. Por exemplo: CIL, VIII, n.1143 – cidade de Cirta na África e CIL, XIII, n.1754 – cidade de Lugdunum na Gália (Fitz, 1968:285-286). Portanto, sua escolha como sucessor do pai foi divulgada nas províncias, tanto que no bojo dos acontecimentos, Septímio mandou colocar em algumas epígrafes o epíteto de *divo Nervae atavo* (por exemplo: CIL, VI, n.954). Por intermédio deste expediente vinculava-se não somente a Marco Aurélio e Cômodo, mas a toda dinastia Antonina.

Segundo Drora Baharal, que parte da análise de documentos epigráficos, Septímio teria se proclamado filho de Marco em 195 d.C. (BAHARAL, 1996:21), no meio das campanhas contra Clódio Albino, mas seus argumentos são fracos e os exemplos de epígrafes arrolados são poucos e duvidosos em termos de datação, o que nos levou a seguir as informações dadas por Dion Cássio, que afirma que ele se proclamou filho de Marco e irmão de Cômodo após vencer Clódio Albino (Dion Cássio, LXXVI, 7.4). Ronald Syme também defende que Septímio se declarou *divi Marci filius et divi Commodi frater* em 195 d.C., pois ele não acredita que Caracala tenha modificado seu nome para Marco Aurélio Antonino antes da filiação dinástica (SYME, 1971:79), mas a sua proclamação como César já lhe permitia mudar de nome, e não há nenhum problema da mudança de nome ter precedido a filiação fictícia. Septímio, por exemplo, passou a usar o título de Pertinax, sem se filiar a ele. Dídio Juliano recebeu o nome de Cômodo

dos Pretorianos sem se filiar aos Antoninos. Mas há várias querelas entre os epigrafistas a serem resolvidas. Para Jean Fitz, por exemplo, Geta teria sido feito Augusto antes de 209 d.C., e para isso arrola algumas epígrafes e nega os documentos textuais (FITZ, 1979:49-57).

Na História Augusta, diz-se bem claramente que Severo pretendia seguir os exemplos dos Antoninos pela adoção de seu nome, como se fosse um título:

"Também foi geta chamado Antonino porque Severo concebeu o propósito de que todos os imperadores fossem daí em diante Antoninos do mesmo modo que eram chamados Augustos. E isto devido ao seu amor a Marco Antonino, de quem se proclamou irmão (sic) e cuja filosofia e estilo epistolar sempre imitou. Outros opinam que a doação do nome de Antonino não somente honrou Marco, posto que o mesmo Marco o tinha por adoção, mas também em honra de Antonino de sobrenome Pio, sucessor de Adriano"(HA, Vida de Antonino Geta, II.4).

Deste modo, Septímio não queria com seu ato inicial de dar o nome de Antonino a Caracala, seu filho mais velho, em 196 d.C., se filiar só a Marco Aurélio, mas também criar uma idéia dinástica mais ampla. Em outra passagem da História Augusta, vê-se que se comparava o título de Antonino àquele de Augusto (HA, Vida de Antonino Caracala, IX.1) e que se lembrava que Antonino Pio tinha deixado o governo para seus dois filhos adotivos: Marco Aurélio e Lúcio Vero (HA, Vida de Severo, XX), um governo compartilhado por dois herdeiros, como Septímio queria deixar também para seus dois filhos. Portanto, Septímio queria entrar na família dos Antoninos como um todo e não apenas se vincular à imagem de Marco Aurélio (HA, Vida de Severo, IX).

Para Robert E. A . Palmer, tratou-se da criação de uma ficção dinástica, da divulgação de uma legitimação por intermédio de um quase "embuste", pois foi uma adoção ao contrário, com Septímio se declarando filho de Marco Aurélio e não este adotando Severo (PALMER, 1978:1086). Este é um fato que merece ser ressaltado, pois na busca da imagem da continuidade, Severo apresentou mais uma inovação. Como afirma Dion Cássio:

"Ele (Severo) nos causou especial espanto ao constantemente se intitular filho de Marco e irmão de Cômodo e concedendo honras divinas a este último (...). Enquanto lia para o Senado um discurso, ele elogiou a crueldade de Sula, Mário e Augusto como um curso seguro e reprovou a suavidade de Pompeu e César como responsável pela ruína destes homens. Depois ele introduziu um tipo de defesa de Cômodo e censurou o Senado por tê-lo desonrado injustamente; em vista deste fato, a maioria dos membros passou a temer por sua vida" (Dion Cássio, LXXVI, 8.1-2).

A partir da análise das obras de Herodiano e Dion Cássio e da História Augusta, estabelecemos a seguinte cronologia: Caracala se tornou César em 196 d.C., quando foi declarado um novo Antonino e mudou seu nome para Marco Aurélio Antonino; depois recebeu o título de *Imperator destinatus* em 197 d.C. e o de Augusto em 198 d.C. Geta, por sua vez, se tornou César em 198 d.C. e Augusto em 209 d.C. Vide: HA, Vida de Severo, IX e XIV – Caracala recebe título de César e nome de Antonino; HA, Vida de Severo, IX.1 – Caracala recebe nome de Antonino e título de César; HA, Vida de Severo, XVI e HA, Vida de Antonino Geta, V – Caracala proclamado Augusto e Geta proclamado César e recebendo nome de Antonino; Eutrópio, VIII, 19.2 – Caracala recebe nome dos Antoninos; Herodiano, III, 10.5 – Caracala recebe nome de Antonino. Aristide Calderini (Calderini, 1949:250) e Mason Hammond (Hammond, 1957:35) que trabalharam tanto com os documentos escritos quanto com os epigráficos e numismáticos, também utilizaram a cronologia que aqui adotamos.

A lembrança das desmedidas de Cômodo assustaram o Senado, mas era impossível se vincular à imagem de Marco Aurélio sem procurar reabilitar a de Cômodo, seu filho e herdeiro. Contudo, senadores fizeram pilhérias a respeito da inovação proposta por Severo, ao adotar um pai ao invés de ser adotado por ele. E é mais uma vez Dion Cássio quem nos conta:

"Quando o imperador se registrou na família de Marcos, Auspex (o importante Senador A. Polêncio Auspex) falou: 'Eu o comprimento, César, por ter achado um pai!', comentando que até esse momento ele não tinha tido pai devido a seu obscuro nascimento" (Dion Cássio, LXXVII, 9.4).

Parece, desta forma, que a vinculação mais estreita à memória de Marco Aurélio teria agradado a vários senadores, mas a reabilitação de Cômodo teria provocado o efeito inverso. O nome de Marco Aurélio estava inseparavelmente unido ao epíteto de "filósofo", pois esta foi a imagem construída por ele e que se perpetuou nos trabalhos dos historiadores antigos e modernos, pois ele se manteve conforme às tradições romanas e divulgava máximas do estoicismo, que agradavam aos aristocratas mais cultivados. Para os historiadores antigos, como Herodiano e Dion Cássio, Marco Aurélio já aparecia como o último Imperador de uma Roma feliz, cujo equilíbrio teria sido rompido com a ascensão de Cômodo (Grimal, 1997:7 e 327), e esses autores, como vimos, representavam um modo de entendimento comum a alguns grupos aristocráticos, que ficaram bastante contentes com a aproximação de Septímio da imagem de Marco, mas resistiram à aproximação com a odiada imagem de Cômodo. Não podemos nos esquecer que Herodiano começa sua obra narrando o governo de Marco, por ele ser o último bom governo antes da crise que teria se abatido sobre o Império, em sua concepção, e que Dion Cássio afirmou que após o governo de Marco teria se passado do ouro para o ferro (Dion Cássio, LXXII, 36.4).

Para Eutrópio, Marco Aurélio teria sido um homem generoso, um grande administrador das províncias, um ser moderado e benigno e um bom soldado (Eutrópio, XII). Esta admiração se repete na obra de Aurélio Victor, que enfatiza as honras recebidas por Marco após sua morte: "Marco Aurélio recebeu todos os gêneros de homenagens, templos, colunas e sacerdotes" (Aurélio Victor, XVI), e na *Epitome de Caesaribus*, na qual também se ressaltam as honras póstumas que o Imperador fez por merecer em vida (*Epitome de Caesaribus*, XVI). Nas fontes do III século d.C. já apareciam descritas as boas qualidades de Marco. Herodiano afirma que ele era magnânimo, moderado, prudente e de comportamento digno (Herodiano, I,2.4), deixando para seus súditos a recordação perene de suas virtudes (Herodiano, I,4.6). Já Dion Cássio comenta que ele era um Bom Príncipe, tendo a vida devotada à beneficência (Dion Cássio, LXXII, 34.2-3).

Para Herodiano foi a imagem de Marco a real garantia do poder de Cômodo (Herodiano, I, 7.5). Este autor percebeu que Septímio já teria decidido se filiar aos Antoninos antes mesmo de se declarar filho de Marco Aurélio, ao modificar o nome de Caracala em 196 d.C., quando este recebeu o título de César, visando assegurar a completa transição dos poderes do Império romano para si mesmo e para seus filhos, após eliminar Pescênio Nigro. Segundo Herodiano: "Depois de passar em Roma um tempo suficiente para associar seus filhos ao Império com uma nomeação imperial, (...) iniciou uma campanha contra o Oriente" (Herodiano, III, 9.1) e "Ao mais velho, cujo verdadeiro nome antes de entrar na casa imperial era Bassiano, Severo quando alcançou a dignidade de Imperador o chamou Antonino, porque queria que levasse o nome de Marco (...)" (Herodiano, III,10.5). Desta maneira, da mesma forma como tinha ajudado Cômodo a governar, a imagem de Marco também poderia legitimar o poder de Severo. Mas para se vincular à esta boa imagem dos Antoninos em geral e de Marco em particular, Severo tinha que reabilitar a memória de Cômodo.

Apesar de desagradar os estratos senatoriais, a imagem de Cômodo agradava a vários grupos dentro do exército. Tanto que Dídio Juliano, em seu curto governo, procurou começar a reconstruir sua imagem, tentando agradar Pretorianos e legionários:

"Baixaram (os pretorianos após assassinar Pertinax) uma escada e fizeram subir Juliano sobre o muro do acampamento, pois não queriam abrir as portas até conhecer a quantia de dinheiro que receberiam. Quando estava no alto, Juliano lhes prometeu renovar a memória de Cômodo, restabelecendo suas honras e estátuas, que o Senado tinha mandado derrubar, e devolvendo-lhes toda a liberdade de ação da qual tinham gozado durante o governo de Cômodo. (...) Todas essas promessas deram esperanças aos soldados que proclamaram Juliano imperador, juntando ao seu nome aquele de Cômodo. Levantaram logo os estandartes, nos quais restabeleceram as imagens de Cômodo (...)" (Herodiano, II, 6.10-11).

Deste modo, Septímio não foi o primeiro a se preocupar em reabilitar a imagem de Cômodo para conseguir apoio entre os homens em armas. Além disso, Septímio prometeu imitar Marco Aurélio (Herodiano, II, 14.3), divulgando esta informação durante um discurso proferido no Senado, o que lhe garantia ainda mais legitimidade e apoio dos senadores e dos soldados.

A imagem de Cômodo, nos documentos consultados para a realização deste trabalho, é apresentada de forma bastante negativa. Para Eutrópio, ele era a própria encarnação do pior tipo de inimigo do gênero humano (Eutrópio, VIII, 15.2). Já segundo Aurélio Victor, ele era um tirano por excelência e tinha construído termas pouco dignas do poder romano, tendo por isso recebido a *damnatio memoriae*, sendo declarado inimigo dos deuses e dos homens e tendo seu nome apagado das inscrições (Aurélio Victor, XVII). A mesma concepção de tirania durante o governo de Cômodo aparece expressa na *Epitome de Caesaribus* (Epitome de Caesaribus, XVIII). Na História Augusta, também é descrita a derrubada de suas estátuas, nas quais tentava imitar Hércules (HA, Vida de Pertinax, VI). Esta associação com a imagem de Hércules também é destacada por Herodiano, que afirma que ele queria ser reconhecido como filho de Júpiter e usava pele de leão e clava em suas estátuas, mandando pô-las na frente do Senado para gerar medo entre os aristocratas.

Por isso, o Senado teria decretado sua *damnatio memoriae*, retirando sua imagem da frente do prédio e a trocando pela estátua da *libertas* (Herodiano, I, 14.8-9 e 15.1). Nesta aproximação com a figura de Hércules, Cômodo teria mandado matar um nobre que matara um leão a cavalo, como Hércules e Alexandre Magno já haviam feito. Segundo Dion Cássio, ele queria alterar o nome da cidade de Roma para Comodiana, modificar os nomes dos meses do ano, usar roupas gregas, combater como um gladiador, ser divinizado e recolher dinheiro dos senadores para dar aos soldados, e por tudo isso teria sido assassinado e declarado inimigo público (Dion Cássio, LXXIII, 14.2; 15.1-6; 16.1; 17.1; 20.3; 21.1; 22.3; e LXXIV, 2.1).

Na História Augusta, diz-se que Septímio resolveu reabilitar a memória de Cômodo porque estava ardendo de cólera contra o Senado e o povo de Roma, pois algumas facções haviam apoiado abertamente Clódio Albino, por isso, chamou Cômodo de *divus* e disse que ele tinha sido mal visto pelos infames (HA, Vida de Severo, XII). Para Aurélio Victor, Septímio propôs a divinização de Cômodo por ter veneração profunda por Marco Aurélio, por isso também havia ajuntado ao nome de Bassiano aquele de Antonino (Aurélio Victor, XX.30). Segundo Herodiano, Septímio defendia em seus discursos que os erros de Cômodo deveriam inspirar mais compaixão que ódio, devido à sua juventude e aos seus péssimos conselheiros, e dever-se-ia sempre lembrar de sua nobre família e da memória de seu pai (Herodiano, II, 10.3). Esta mesma imagem de rapaz comprometido com más companhias, dada a Cômodo, também aparece na obra de Dion Cássio. Ele afirma que Cômodo não era naturalmente malvado,

apenas havia se cercado de péssimos conselheiros (Dion Cássio, LXXXIII, 1.1-2 e 2.1-2). De qualquer forma, foi uma medida que desagradou vários senadores, apesar de agradar ao exército, e foi divulgada como uma medida acessória à filiação a Marco Aurélio.

Torna-se, assim, interessante a informação de que ao mesmo tempo em que se vinculava aos Antoninos, Severo se preocupou em erigir estátuas, que ele mesmo custeou, para seu pai, sua mãe, seu avô e sua primeira esposa (HA, Vida de Severo, XIV). Parece-nos, deste modo, que Septímio procurou honrar sua própria família enquanto a vinculava a dos Antoninos. Para quem inicialmente fora chamado de inimigo público, durante o governo de Dídio Juliano (Dion Cássio, LXXIV, 16.1), se vincular à família antonina era um grande atributo, uma verdadeira volta por cima contra todos os seus inimigos. E era importante para ele se declarar filho de Marco exatamente em 197 d.C., quando vários senadores atacavam o caráter colérico que ele tinha demonstrado possuir ao se vingar de forma violenta dos que haviam apoiado Clódio Albino (Herodiano, III, 6.1).

Nas moedas, também podemos perceber esta divulgação da filiação fictícia, como em RIC, IV, n.700 a 702 A (denários cunhados em Roma em 197 d.C.), peças nas quais aparecem no reverso a legenda DIUI. M. PII. F. sobre as representações da *Felicitas* ou de Roma coroando o Imperador. As ações de reabilitação e de deificação de Cômodo também aparecem nas moedas, como por exemplo, RIC, IV, n.72 A (denário cunhado em Roma em 197d.C.), na qual aparece a águia sobre um globo e a legenda *Consecratio*, no reverso, ou BMC, V, n.581 D, na qual vemos no reverso a legenda *Consecratio* e a imagem da Concórdia, com um patera e um cetro (sestércio cunhado em Roma em 197 d.C.) (com a imagem de Cômodo no anverso de todas elas).

Para J. Rufus Fears, Septímio buscou apoiar suas pretensões dinásticas no *nomem Antoninorum*, comparando a noção de *nomem* com aquela de *numem*, como se a utilização do nome dos Antoninos em si fosse capaz de garantir a continuidade da paz e da prosperidade pelos deuses (Fears, 1977:278). Numa sociedade oral, como a da Roma antiga, o ato de nomear era uma atitude séria que poderia encerrar em si mesma vários efeitos. Pela simples associação ao nome dos Antoninos se poderia atrair o apoio das divindades, que já haviam apoiado os governantes anteriores, por exemplo. De acordo com Pierre Grimal, os Antoninos, que aparentemente construíram a felicidade do mundo romano, eram na verdade soberanos absolutos, tentados a se fazerem adorar e muito pouco dispostos a entregar aos senadores a mais leve iniciativa. Como imperadores, eles possuíam um *numem* que os elevava acima dos outros homens. A pessoal imperial era, assim, sagrada; invocar seu nome era desencadear um mecanismo religioso cujas conseqüências eram imprevisíveis (Grimal, 1988:55).

"Antonino" se tornou um nome potente, mais do que um cognome tornou-se um *signum*, importante para um "usurpador", na leitura de Ronald Syme. Para

Syme, usurpador era todo aquele que chegava ao poder pela força das armas e sem pertencer a dinastia anterior. Preferimos ver como usurpador aqueles que tentaram o golpe e ele não deu certo, seguindo as fontes antigas. Outro "usurpador", Macrino, teria se utilizado do mesmo expediente, ao adotar o nome de Severo e ao dar o de Antonino para seu filho Diadumeniano, buscando manter a idéia da continuidade (Syme, 1971:79 e 84). Heliogábalo também usou o epíteto de Antonino, sendo o *ultimus Antoninorum* (HA, Vida de Eliogábalo, 1.7; 18.1 e 34.6). Severo Alexandre preferiu não utilizar este nome, pois ele havia enfrentado um usurpador sírio, chamado Antonino (Syme, 1971:79).

Além de se preocuparem em passar o poder para os filhos, Severo e Macrino tiveram a preocupação com a continuidade do nome dos Antoninos, como se todos se inserissem numa mesma *gens*, que remontava a Nerva (Frézouls, 1991:197). Seguindo, em certo sentido, o exemplo de Severo ao criar uma continuidade dinástica para seu governo, Macrino se intitulou *Severus* (Dion Cássio, LXXIX, 16.2) e deu o nome de *Antoninus* ao seu filho (Dion Cássio, LXXIX, 16.2 e 37.5; HA, Vida de Opélio Macrino, 2.1; 3.6; 5.6-7 e 11.2), aparecendo nas inscrições como *Imp. Caesar. M. Opellius. Seuerus. Macrinus. Pius. Felix. Augustus* (por exemplo: CIL, II, n. 4789; III, n.5708 e VII, n.4598), enquanto o filho aparece como *M. Opellius. Antoninus. Diadumenianus. Caesar.* (por exemplo: CIL, II, n.4790; III, n.3714 e VIII, n.4598).

Ao valor benéfico deste nome, que era garantia de popularidade e fonte de legitimidade, juntava-se inclusive um dado religioso: o jogo de palavras possível de se estabelecer entre *nomem* e *numem*. Ao usar este nome se recorria antes de tudo à lembrança de bons governos e à imagem da Vitória nas batalhas, como as de Trajano, que haviam lhe dado o título de *Felix* (Frézouls, 1991:202-210), que Septímio também juntaria ao seu nome mais tarde e após o sucesso em várias vitórias bélicas (Dion Cássio, LXXVI, 10.4-5). Yann Le Bohec fornece um interessante estudo acerca da titulatura imperial adotada pelos Severos, enfatizando suas diversas vitórias militares. Septímio adotou os títulos de *Arabicus*, *Adiabenicus*, *Parthicus Maximus* e *Britannicus Maximus*, enquanto Caracala deteve os de *Parthicus Maximus*, *Britannicus Maximus*, *Germanicus*, *Arabicus*, e *Adiabenicus*, e Geta ganhou o de *Britannicus* (Le Bohec, 1993:268).

Por falar na adoção do título de *Felix*, torna-se importante ressaltar que os Severos utilizaram em sua nomenclatura um título criado por Cômodo: o de *Pius Felix*, que unia a idéia religiosa da *Pietas* às virtudes militares que garantiam a *felicitas* ao final das batalhas. Como *Pius* e como *Felix*, o governante demonstrava deter sempre a proteção das divindades, pois só por intermédio delas se poderia atingir a *pietas* e a *felicitas*, ou seja, ser para os súditos protetor e mediador nas questões legais (Oliver, 1978:376 e Charlesworth, 1943:1-10). Por isso, não foi por acaso que ao mesmo tempo em que acrescentou o epíteto de *Pius Felix* ao seu nome, Septímio passou a reservar mais tempo para comparecer aos tribunais (Dion Cássio, LXXVII, 10.5), pois só um homem piedoso e protegido pelas

divindades poderia bem julgar. Segundo Edmond Van t Dack, este epíteto se transformou numa fórmula estereotipada após Cômodo, pois com os primeiros Severos ainda havia a necessidade da vinculação com os Antoninos, mas os Imperadores posteriores o adotaram simplesmente por ter sido utilizado pelos seus predecessores, usando-o de forma abusiva (Van t Dack, 1991:311). Até as mulheres ganharam o epíteto de *Pia Felix*, sendo Júlia Domna a primeira a divulgá-lo nas inscrições (Santiago Fernández, 1999:156), espalhando-se, assim, para a família imperial a necessidade de se aproximar da imagem dos Antoninos. Júlia também recebeu, como veremos, o título de *Mater Castrorum*, anteriormente dado somente a Faustina, a esposa de Marco Aurélio (Dion Cássio, LXXII,10.5).

Todavia, não foi apenas nos títulos que os primeiros Severos buscaram se aproximar da imagem dos Antoninos. Julien Guey, ao estudar o calendário de *Feriale Duranum*, percebeu que as legiões estacionadas em *Doura-Europos*, na Síria, festejavam o *dies imperii* de Caracala exatamente na mesma data do *dies imperii* de Trajano (28 de janeiro de 98 e 28 de janeiro de 198 d.C.), com um século de diferença entre as aclamações. Para ele, não se tratou de um mero acaso. Ao tentar se aproximar dos Antoninos, valiam várias estratégias, como esta de fazer coincidir as datas comemorativas de ascensão ao poder imperial, pela concessão da titulação de Augusto. Trajano foi o grande conquistador da Dácia, enquanto Caracala recebeu o título de Augusto após auxiliar o pai na conquista da importante cidade oriental de Ctesifonte (Guey, 1948:60-70), como se Caracala continuasse as conquistas feitas por seu antepassado, isto é, como se as vitórias militares fossem um dom de família. Septímio se preocupou tanto em manter a conquista Antonina da Dácia que colocou seu próprio irmão, P. Septímio Geta como governador desta província (Balla, 1970:63).

Septímio também se iniciou nos Mistérios de Êleusis, quando visitou Atenas, como anteriormente havia feito Marco Aurélio (Dion Cássio, LXXII, 32.1). De igual maneira foi um homem preocupado em criar legiões, tendo criado três novas tropas, enquanto Marco havia criado duas. Além disso, reconstruiu a muralha de Adriano na Bretanha e construiu outra, para manter a conquista feita anteriormente pelos Antoninos (Carrié, 1993:91).

Até no espaço físico ocupado pela *domus severiana*, Severo procurou se associar aos Antoninos. Para morar no Palatino, ao invés de construir um novo Palácio, ele aumentou o espaço antes ocupado pelo Palácio dos Antoninos. I. Iacopi e M. A. Tomei, que trabalharam, durante os anos oitenta, na restauração das arcadas do complexo severiano, atestam que se tratou de uma ampliação do Palácio dos Antoninos. Septímio teria construído grandes salões terminados em arcadas, que davam para o Circo Máximo, e as Termas do Palatino, que receberam seu nome (Termas Severianas) (Iacopi, Tomei, 1986:486). Infelizmente, esta última construção mencionada foi bastante afetada pela criação da Igreja de Santa Luzia, no século VIII de nossa era, exatamente sobre este espaço (Iacopi, Tomei, 1986:487).

Segundo Herodiano, fez-se necessária a ampliação do Palácio porque os dois filhos de Septímio não se entendiam e faziam questão de ocupar alas separadas, cada um com sua corte e seus amigos (Herodiano, III, 12.1). Para Georges Balandier, o Palácio é mais do que um espaço real, é um registro político, um lugar de memória, uma instituição de centralização e marca de continuidade no poder (Balandier, 1997:96-97). De acordo com o mesmo relato de Herodiano, o Palácio se transformou na época severiana num edifício amplo e espaçoso, maior que uma cidade (Herodiano, IV, 1.1). Talvez, Septímio tenha se preocupado tanto em enfatizar o poder arquitetônico do Palácio para ressaltar sua vinculação com Marco, que o havia habitado quando estava em Roma, já que Cômodo havia se distanciado do Palácio como habitação do governante, preferindo morar na escola de gladiadores, onde se sentia mais seguro, frente às várias conjuras palacianas que teve de enfrentar ao longo de seu governo (Herodiano, I, 15.8).

Drora Baharal afirma que até nas suas estátuas Septímio tentou imitar as imagens de Marco Aurélio. Na sua Tese, apresentada em 1992 na Universidade de Tel-Aviv, ela defendeu algumas idéias bastante controversas a respeito do governo de Septímio e de sua imagética. Para Baharal, tratou-se do governo de um excepcional "usurpador", que conseguiu comandar o Império por muitos anos e passar o poder para os filhos, usando vários expedientes para a sua legitimação. Um deles seria a propaganda, realizada principalmente pelo uso da imagem de Marco Aurélio, que foi o objeto de trabalho da Tese. Segundo Baharal, Severo teria copiado os cânones dos retratos de Marco, buscando se aproximar de sua imagem por intermédio da confecção de estátuas nas quais apareceria com traços faciais que o aproximariam dos traços de Marco (BAHARAL, 1996:1-3). Para isso, ela apresenta uma grande quantidade de imagens, que compara com as de Marco.

Durante muito tempo se defendeu a similaridade das estátuas de Severo com aquelas do deus Serapis. Pesquisadores como H. P. L. Orange, em sua obra *Apotheosis in Ancient Portraiture* (L. Orange, 1947:77-86), A. M. McCann, em seu livro *The Portraits of Septimius Severus* (MacCann, 1968:48-57, 79-80 e 109-116), C. C. Vermeule no artigo *A Hellenistic Portrait* (Vermeule, 1960:20-24), J. M. C. Toynbee no artigo *Ruler-Apotheosis in Ancient Rome* (Toynbee, 1947:145) e D. Soechting, em sua obra *Die Portrats des Septimius Severus* (Soechting, 1972) defendem que durante vários anos Septímio buscou assimilar sua imagem a deste deus egípcio, que misturava os atributos de Osíris, Ápis e Amon. Na História Augusta, ressalta-se a preocupação de Septímio em visitar um *Serapeum* durante sua viagem ao Egito, por exemplo (HA, Vida de Severo, 17.4). Contudo, Drora Baharal critica esta aproximação com Serapis, defendendo que, na realidade, o tipo de barba e de cabelo usados nas estátuas de Septímio o aproximavam das imagens de Marco Aurélio e não do deus egípcio (BAHARAL, 1996:84-91).

Todavia, autores, como N. Hannestad, têm criticado muito as idéias defendidas por Baharal. Segundo Hannestad, a pesquisadora ignora a existência de vários

tipos de estátuas adotadas por Septímio ao longo de seu governo. Para ele, as evidências mostradas são confusas e a sua classificação é errônea, pois Severo poderia muito bem ter se assemelhado a Marco Aurélio em algumas estátuas, mas não em todas, como defende Baharal (Hannestad, 1998:461-462). Concordamos com Hannestad que as premissas das quais Baharal partiu para fazer seu trabalho são bastante frágeis, pois para ela não houve mudanças nas imagens de Septímio ao longo do tempo, quando ao observá-las percebemos que algumas até podem se assemelhar as de Marco, mas muitas se aproximam de outras imagens, como as das divindades por ele cultuadas, como Serapis. Para Ernst H. Kantorowicz, não eram as feições do Imperador que eram idealizadas para se amoldar às de seu companheiro divino, mas as feições do deus que eram modeladas para parecerem um cópia ou uma superfície do Imperador (Kantorowicz, 1998:304).

Sheldon Nodelman identificou ao menos quatro tipos diferentes de estátuas que teriam sido utilizadas por Septímio: de 193 a 195 d.C.; de 196 a 204 d.C.; de 205 a 207 d.C. e 208 a 211 d.C. Para Nodelman, o principal fator de diferenciação entre esses quatro momentos foi a passagem do tempo. As imagens iam demonstrando o envelhecimento de Severo e uma barba mais longa (Nodelman, s.d.:17-38). C. Saletti, em sua obra sobre os retratos severianos encontrados no Palácio Pitti de Florença também adotou esta classificação de Nodelman (Saletti, 1967:17-21), que foi ignorada por Baharal.

Após a morte de Septímio em 211 d.C., Caracala juntou outro nome ao seu: o de *Severus*. Segundo Attilio Mastino, com esta medida Caracala já indicava querer se tornar o único herdeiro de Septímio (Mastino, 1981:35). Passou, então, a usar nas inscrições *M. Antoninus. Aurelius. Seuerus* (por exemplo: CIL, VIII, n.14690; VIII, n. 4197 e VI, n. 1063).

Poder-se-ia pensar que motivos econômicos também teriam incentivado a aproximação de Septímio e Caracala das imagens dos Antoninos. Talvez a filiação tentasse proporcionar um aumento nos bens dos Severos, pois com a adoção da filiação de Marco Aurélio, Septímio se tornava herdeiro dos bens da família antonina e não apenas de sua memória. Entretanto, os documentos textuais demonstram que não tinha restado muito das riquezas juntadas por Marco Aurélio nos cofres públicos e privados (Dion Cássio, LXXII, 32.2). Para não criar novas taxas, para sustentarem as guerras nas fronteiras, Marco teria vendido vários bens móveis, ornamentos de Faustina e ornamentos imperiais no Forum, para conseguir pagar os soldados sem explorar os aristocratas (Dion Cássio, LXXII, 37.1-2). Esta informação também é veiculada por Eutrópio e pela *Epitome de Caesaribus*, que elogiam a venda dos ornamentos imperiais e do mobiliário do governo para não incomodar os nobres (Eutrópio, VIII, 13.2 e *Epitome de Caesaribus*, XVI). Durante o governo de Pertinax, os bens de Cômodo também foram leiloados e os bens por ele confiscados foram devolvidos aos antigos donos (HA, Vida de Pertinax, VII, VIII e IX; Herodiano,

II, 3.9 e II, 7.2; Dion Cássio, LXXIV, 5.4-5). Sendo assim, nada leva a crer que a vinculação aos Antoninos se deveu a fatores econômicos. Acreditamos que a associação à imagem dos Antoninos garantiu aos Severos legitimidade após as guerras civis, para que Septímio pudesse implementar algumas reformas na condução do Império.

Finalmente, para alguns historiadores, o grande problema foi entender porque Septímio indicou Caracala, tão odiado por Dion Cássio, para sucedê-lo, e o filósofo Marco Aurélio teria tornado Cômodo seu herdeiro. Desde a Antigüidade estas escolhas têm incomodado os historiadores. Dion Cássio já atentara para a repetição de desgraças, que foram os governos dos filhos mais velhos e herdeiros de Marco e de Severo (Dion Cássio, LXXVII, 14.7). Para Dion, Caracala tinha tentado se livrar do pai fomentando um complô contra ele e o irmão (Dion Cássio, LXXVII, 14.1-2) e ele reuniria em si os vícios de três raças: a inconstância, a covardia e a negligência dos gauleses como ele; a dureza e a crueldade dos africanos, como o pai; e a astúcia dos sírios, como a mãe (Dion Cássio, LXXVIII, 6.1), preferindo gastar dinheiro com venenos, para exterminar seus inimigos, a gastar com os súditos (Dion Cássio, LXXIX, 6.3).

Também para historiadores modernos têm sido difícil compreender escolhas consideradas tão insensatas, vindas de homens tão admirados por seus feitos. Segundo D. Magie, Caracala era evidentemente um psicopata e não soube honrar o nome de Marco Aurélio Antonino (Magie, 1950:623), tendo inclusive mandado matar uma das filhas de Marco Aurélio, Cornificia, por ela ter chorado a morte de Geta, que recebera a *damnatio memoriae* (Dion Cássio, LXXVIII, 16.6). Já de acordo com Robert Dailly e Henri Van Efenterre, Marco Aurélio era um homem enfraquecido pelas doenças que tinha (úlceras, insônia, entre outras) e se deixou enganar por Cômodo (Dailly, Van Efenterre, 1954:347-365). Estes pesquisadores se deixaram levar pelas informações dadas pelos documentos textuais aristocráticos e deixaram de perceber a importância da constituição da *gens*, isto é, da família imperial, no seio da qual o poder deveria ser mantido, para a confirmação da existência de uma *domus imperial*, como a que foi constituída pelos Severos, apoiando-se nas imagens dos Antoninos.

BIBLIOGRAFIA

FONTES

CASSIO DIONE. *Storia Romana*. Traduzione di Alessandro Stroppa. Milano: BUR, 1998.

Catalogue du Musée du Capitole. Paris: Payot, 1912.

Dionysius Roman History. English translation by Earnest Cary. London: William Heinemann, 1961. v.9 (The Loeb Classical Library).

Epitome de Caesaribus. Traduction de M.N.A. Dubois. Paris: C.L.F. Panckoucke, 1846.

ERODIANO. *Storia dell'Impero Romano dopo Marco Aurelio*. Testo e versione di Filippo Cossola. Firenze: Sansoni, 1967.

EUTROPE. *Abrégé de l'Histoire Romaine*. Traduction et introduction par Maurice Rat. Paris: Garnier, 1990.

HERODIANO. *Historia del Imperio Romano después de Marco Aurelio*. Traducción y notas por Juan J. Torres Esbarranch. Madrid: Gredos, 1985.

HÉRODIEN. *Histoire de l'Empire Romain après Marc-Aurèle*. Traduit et commenté par Denis Roques. Paris: Les Belles Lettres, 1990.

MARCO AURÉLIO. *Meditações*. Trad. de William Li. São Paulo: Iluminuras, 1995.

MATTINGLY, H.; SYDENHAM, E. A. (ed.). *The Roman Imperial Coinage*. London: Spink and Son, 1936. V. 4, partes 1 e 2.

_____. (ed.). *Coins of the Roman Empire in the British Museum*. London: British Museum, 1950. V.5.

NODELMAN, S. *Severan Imperial Portraiture*. Yale University, unpublished.

SEXTUS AURELIUS VICTOR. *Histoire des Césars*. Traduit par Pierre Dufraigne. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

SOECHTING, D. *Die Portraits des Septimius Severus*. Bonn: Rudolf Habelt Verlag, 1972.

The Scriptores Historiae Augustae. English translation by David Magie. London: William Heinemann, 1953. V. 1 e 2 (The Loeb Classical Library).

OBRAS GERAIS

BAHARAL, D. *Victory of Propaganda*. Oxford: Tempus Reparatum, 1996.

_____. Portraits of the Emperor L. Septimius Severus as an Expression of his Propaganda. *Latomus*. Bruxelles, 48:566-580,1989.

BALANDIER, G. *Antropologia Política*. São Paulo: Difel, 1969.

_____. *O Poder em Cena*. Brasília: Edunb, 1980.

_____. *O Contorno: Poder e Modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997.

BALLA, L. Some Problems of the History of Dacia in the Severan Age. *Acta Classica Debrecensis*. Debrecen,6:61-69,1970.

BIANCHI, A . La Vittoria nella Propaganda Monetaria dell Età de M. Aurelio. *Annali del Istituto Italiano di Numismatica*. Roma,18-19:153-173,1972.

BOYCE, A. A . The Twelfth Imperial Acclamation of Septimius Severus. *American Journal of Archaeology*. New York, 53(4):337-344,1949.

_____. Caracalla as Severus. *Museum Notes*. New York,8:81-98,1958.

CALDERINI, A . *I Severi*. Bologna: Livinio Capelli, 1949.

CARRIÉ, J.-M. Exerciti e Strategie. In: MOMIGLIANO, A .; SCHIAVONE, A . (dir.). *Storia di Roma*. Torino: Giulio Einaudi, 1993. V.3(1), p.83-93.

_____; ROUSSELLE, A . *L Empire Romain em Mutation, des Sévères à Constantin*. Paris: Seuil, 1999.

CHARLESWORTH, M. P. The Virtues of a Roman Emperor. *Proceedings of the British Academy*. London,23:105-133,1937.

_____. Pietas and Victoria: The Emperor and the Citizen. *Journal of Roman Studies*. London,33:1-10,1943.

DAILLY, R.; VAN EFENTERRE, H. Le Cas Marc-Aurèle: Essai de Psychosomatique Historique. *Revue des Études Anciennes*. Paris,56(3-4):347-365,1954.

ESPÍRITO SANTO, A . do. *Marco Aurélio*. Lisboa: Inquérito, 1996.

FEARS, J. R. The Cult of Virtues and Roman Imperial Ideology. *Aufstieg und Niedergang Romischen Welt*. Berlin, 2(17),parte 2: 827-948, 1981.

_____. *Princeps a Diis Electus: The Divine Election of the Emperor as a Political Concept at Rome*. Rome: American Academy in Rome,1977.

FITZ, J. *Honorific Titles of Roman Military Units in the Third Century*. Budapest: Akadémiai Kiadó, 1983.

_____. The Policy of Septimius Severus in the Military Direction of the Civil War between 193 and 197. In: *Acta of the Fifth International Congress of Greek and Latin Epigraphy*. Oxford: Basil Blackwell, 1971. P.425-429.

_____. Augusti Tres Avant 209. *Alba Regia*. Székesfehérvár, 17:49-57,1979.

FRÉZOULS, E. La Succession Impériale dans l Histoire Auguste: les Antonins et les Sévères. In: *Historiae Augustae Colloquium Parisinum*. Macerata: Università di Macerata, 1991. v.1, p.197-212.

GRANT, M. *Greek and Roman Historians*. London: Routledge, 1995.

_____. *Roman History from Coins*. Cambridge: University Press, 1958.

_____. *The Severans*. London: Routledge, 1996.

_____. *The Climax of Rome*. London: Phoenix, 1997.

_____. *The Antonines*. London: Routledge, 1996.

GRIMAL, P. *Marco Aurelio*. Buenos Aires: FCE, 1991.

_____. *Rome*. Rome: École Française de Rome, 1986. T.2.

_____. *O Século de Augusto*. Lisboa: Setenta, 1997.

_____. *A Civilização Romana*. Lisboa: Setenta, 1988.

GUEY, J. 28 Janvier 98 – 28 Janvier 198 ou Le Siècle des Antonins. *Revue des Études Anciennes*. Paris,50(1-2):60-70,1948.

HAMMOND, M. Composition of the Senate A.D. 68-235. *Journal of Roman Studies*. London, 47: 74-81, 1957.

_____. The Transmission of the Powers of the Roman Emperor from the Death of Nero in A.D. 68 to that of Alexander Severus in A.D. 235. *Memoirs of the American Academy in Rome*. Rome, 24: 118-128, 1956.

_____. Septimius Severus, Roman Bureaucrat. *Harvard Studies in Classical Philology*. Cambridge, 51:63-133,1940.

_____. Imperial Elements in the Formula of the Roman Emperors During the First Two and a Half Centuries of the Empire. *Memoirs of the American Academy in Rome*. Rome, 25:19-60,1957.

HANNESTAD, N. *Roman Art and Imperial Policy*. Aarhus: University Press, 1986.

_____. Victory of Propaganda by Drora Baharal. *American Journal of Archaeology*. Boston, 102:461-462, 1998.

_____; TOMEI, M. A. .Complesso Severiano. *Buletino della Commissione Archeologica Comunale di Roma*. Roma, 91(2):486-492, 1986.

KANTOROWICZ, E. H. *Os Dois Corpos do Rei*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LE BOHEC, Y. Augustus Conception and the Heroic Tradition. *Latomus*. Bruxelles, 56(4): 790-818, 1997.

L ORANGE, H. P. *Apotheosis in Anciente Portraiture..* Oslo: Drozinden, 1947.

MANNI, E. La Lotta di Settimio Severo per la Conquista del Potere. *Rivista di Filologia Classica*. Torino, 75:211-243,1947.

_____. Per la Cronologia di Settimio Severo e di Caracalla. *Epigraphica*. Milano,11:60-84,1949.

MASTINO, A . *La Titolature di Caracalla e Geta attraverso le Iscrizioni*. Bologna: Clueb,1981.

MCCANN, A . M. *The Portraits of Septimius Severus*. Rome: Americam Academy in Rome, 1968.

OLIVER, J. H. The Piety of Commodus and Caracalla. *Greek, Roman and Byzantine Studies*. Durham,19:375-388,1978.

PALMER, R. E. A . Severan Ruler-Cult and the Moon in the City of Rome. *Aufstieg Niedergang Romischen Welt*. Berlin, v.2, n.16, parte 2: 1088-1119,1978.

PRICE, S. R. F. *Rituals and Power*. Cambridge: University Press, 1985.

_____. Gods and Emperors: The Greek Language of the Roman Imperial Cult. *Journal of Hellenic Studies*. London,104:79-95,1984.

_____. Between Man and God. *Journal of Roman Studies*. London,70:28-43,1980.

_____. From Noble Funerals to Divine Cult: The Consecration of Roman Emperors. In: CANNADINE, D.; PRICE, S. (ed.). *Rituals of Royalty*. Cambridge: University Press, 1987. P. 56-105.

SALETTI, C. *Ritratti Severiani*. Roma: L Erma di Bretschneider, 1967.

SYME, R. *Emperors and Biography*. Oxford: Clarendon Press, 1971.

TOYNBEE, J. M. C. *Morte e Sepolture nel Mondo Romano*. Roma: L Erma di Bretschneider, 1993.

_____. Ruler-Apotheosis in Ancient Rome. *The Numismatic Chronicle*. London,7:126-149,1947.

VAN T DACK, E. Commode et ses Épithètes Pius Felix sous les Sévères. In: *Historiae Augustae Colloquium Parisinum*. Macerata: Università di Macerata, 1991. P.311-335.

VERMEULE, C. C. *The Cult Images of Imperial Rome*. Roma: Goirgio Bretschneider, 1987.

_____. A Hellenistic Portrait. *Bulletin Museum of Fine Arts*. Boston, 58(311):13-24, 1960.